

O Símbolo da Fé dos Filósofos - comentários

Suhrawardi busca resgatar por meio desse tratado a Verdade contida no conhecimento espiritual. Esta Verdade apoia-se no reconhecimento da Unidade, que é alcançada por meio da experiência direta. Os detentores desse nível de conhecimento são aqueles que identificam a Verdadeira Realidade por trás dos fenômenos. Isso implica no contato direto com a fonte da qual se originam todos os eventos. Por isso, eles estão entre aqueles que professam a existência de um Criador e da criação como sua consequência.

Suhrawardi adverte contra aqueles que se aproximam deste tipo de conhecimento analisando-o segundo as causas, e não buscando conhecer o Causador. Tais pessoas têm uma atitude superficial e exageradamente intelectual e terão acesso a um nível de sabedoria que está muito aquém dos que alcançaram a experiência da Verdadeira Realidade.

Essa experiência implica em um crescimento gradativo da qualidade do ser, onde o indivíduo atinge estados cada vez mais elevados que o tornam passível de entrar em contato com realidades mais elevadas culminando no conhecimento do Ser que é o Causador da Realidade, que na terminologia de Suhrawardi é chamado de Ser Necessário. Isso diferencia em muito a postura presunçosa, comumente observada, de se aproximar do conhecimento espiritual usando apenas a esfera intelectual, ou ainda, sem se preocupar com as transformações necessárias nesse caminho, visando simplesmente a busca de status.

É interessante observar que a situação descrita por Suhrawardi é semelhante à encontrada nos dias atuais, onde a aproximação superficial ao conhecimento espiritual resulta numa interpretação errônea, tanto do processo quanto dos instrumentos utilizados. Essa superficialidade é uma atitude característica do ser humano frente à realidade.

Atualmente, uma vez mais, a filosofia perdeu seu caráter de busca de um conhecimento baseado na experimentação e na aquisição de estados de ser mais elevados e novamente restringiu-se aos modelos cristalizados baseados em idéias e palavras, não mais em vivências.

O Ser Necessário é descrito por Suhrawardi como a única realidade. Ele é o único ser que verdadeiramente *É*, no sentido de que não existe para Ele a possibilidade de não-ser. Por isso, todas as realidades - conhecidas ou não - têm a sua existência fundamentada nele. Tudo o que se manifesta no universo o faz por meio dele.

O Ser Necessário não deve a sua existência à criação ou a qualquer causa. Sua existência é absoluta; antecede e independe da criação e nenhum tipo de interesse ou desejo pode ser atribuído a Ele: “É a sua essência que exige e desencadeia o ato de existir”, e é a sua essência que confere existência e realidade à toda criação.

Neste contexto, a criação pode não ser, uma vez que tem a sua causa no Criador, não existindo por si mesma. O único que existe por si só é o Ser Necessário e, tudo aquilo que não existe, pode vir a existir por meio dele - e só dele. Suhrawardi aponta para essas categorias: o Ser Necessário, o ser e o não ser, os dois últimos pertencendo ao ser que pode vir a ser, estando o ato de ser do universo fundamentado no próprio Ser Necessário.

Suhrawardi apresenta a criação como sendo constituída de corpos e acidentes. Os corpos são os substratos dos acidentes e diferenciam-se entre si pela natureza destes. O corpo vem a existência para que os acidentes possam se manifestar. Isso demonstra a necessidade de um criador que gere a ambos, pois necessitam de um princípio original que esteja além deles mesmos para vir à existência. Assim sendo, ambos têm sua causa no Ser Necessário. Se o ser dos corpos e acidentes fosse o necessário, eles não poderiam não-ser, ou seja, não dependeriam de nada a não ser deles mesmos, para ser.

Tudo aquilo que pode não-ser e deve a sua origem a um outro princípio, deve necessariamente a ele retornar. Essa seria a verdadeira determinação do Criador. Qualquer que seja o nível de criação analisado, existirá sempre presente em sua essência, esse “sentimento inato”.

Suhrawardi fala de uma entidade intelectual, viva, conhecedora, citando o Profeta que diz: “O primeiro que Deus criou foi a Inteligência”. Suhrawardi continua, “Essa Inteligência possui três dimensões intelectivas: 1) pela sua contemplação e sua intelecção de seu Criador; 2) por sua contemplação e intelecção de seu próprio ser que pode não ser; 3) por sua contemplação e sua intelecção de sua própria essência. Pelo seu ato de contemplação e intelecção de seu Criador - aquilo que é a sua dimensão superior - surge dela uma segunda Inteligência. Pelo seu ato de contemplação e intelecção de seu ser que pode não ser - aquilo que é sua dimensão inferior - nasce dela um céu. Pelo ato de contemplação e intelecção de sua essência, nasce dela a Alma Motriz (*anima celestes*) deste céu.”

Ao que parece a primeira Inteligência existe para contemplar e conhecer o seu próprio Criador, o Ser Necessário. A partir dela surge a segunda Inteligência e o céu que representará para esta Inteligência uma dimensão superior que a reaproximará de seu Criador. Esta seria a esfera das esferas, acima da qual está a primeira Inteligência que permanece ‘face a face’ com o Ser Necessário. Além disso, a partir do anseio da primeira Inteligência de voltar a estar unida ao Criador, surge um movimento que impulsiona este céu e o faz girar. E é este anseio que inebria a segunda Inteligência que a faz buscar contemplar seu criador. A partir disso, é então gerada a terceira Inteligência, um segundo céu (ao contemplar sua dimensão inferior separada) e a alma motriz desse céu (a partir da contemplação daquilo que em si é capaz de aproximá-la de seu Criador, ou seja sua própria essência).

Dessa forma são geradas as dez Inteligências e as nove esferas celestes. “Da décima Inteligência”, citando Suhrawardi, “procedem o mundo dos elementos e as almas humanas. E esta chama-se Doador de Formas. Os profetas a chamam de Espírito Santo e de Gabriel”.

A criação em nada reduz (ou diminui) o Criador, que em si é Uno e Eterno. Por isso se diz no Corão que Ele “não criou e nem foi criado”. A própria criação é parte dele ou ainda, acontece dentro dele. Nesse sentido, em relação à sua essência, que se derrama no ato criativo, não existe a separação, seja espacial ou temporal. Não existe um “lugar” onde Ele não esteja e nem um “momento” onde Ele não se manifeste. Porém, em relação à forma aparente das coisas e à sua existência, existem os conceitos de tempo e espaço. Se tais formas se mantiverem como um fim em si mesmas, sem correspondência com a essência, sua existência chegará a um fim. Suhrawardi afirma que a criação é eterna devido à sua correspondência com o Criador. Alerta que, na verdade, o que é eterno é o ato criativo em si, através do qual

o Criador permite a emanção de sua própria essência. Portanto, deve-se ter a precaução de não reduzir a criação àquilo que conhecemos dela, ou a sua manifestação aparente.

Além disso, não podemos considerar a criação como o resultado de uma vontade deliberada do Criador em busca de atingir uma meta interesseira. Nem tão pouco, a criação tem como função preencher qualquer tipo de necessidade ou desejo do Criador, pois Ele é o Auto-Subsistente. Suhrawardi diz que é a sua essência que exige o ato criativo e é essa exigência que desencadeia esse ato. A criação é um ato gratuito. E é eterna, pois acontece a cada momento, eternamente. Sua vontade é única e independe de qualquer evento; manifesta-se devido a seus próprios atributos e não por qualquer tipo de necessidade. Nesse sentido, cada forma que observamos na criação, nada mais é do que a manifestação da vontade do próprio criador. E é essa vontade, que desencadeia o ato criativo, que é eterna e única e independe completamente da diferenciação observada nas formas e de qualquer necessidade que delas advenha.

Suhrawardi afirma que o homem é o mais nobre dos seres terrestres e que possui uma Alma Pensante. Por Alma Pensante refere-se a uma essência intelectual e monádica. É intelectual por estar em correspondência com as Inteligências. É monádica, pois como essência é indivisível e única. Tal entidade, por sua semelhança, mantém-se eternamente unida ao Criador. Ela não existe dentro do mundo dos corpos porque isso a incapacitaria de perceber a unidade do Criador. É a Alma Pensante que capacita ao homem retornar a essa unidade, por isso ela é também chamada de Espírito Divino. Entretanto, ela possui uma ligação com o corpo, e é essa ligação que mantém o homem vivo. Tal ligação acontece através da 'pneuma vital' - um corpo vaporoso e sutil existente dentro do corpo orgânico do homem. É devido ao Espírito Divino que as esferas mantêm seu movimento circular, e é devido a esse Espírito que o homem, participando desse movimento, tem a possibilidade de retornar ao criador - o que seria inconcebível se esse movimento fosse retilíneo.

Quando o ser humano está apto a vir à existência é o Doador de Formas (ou Gabriel ou Anjo-Espírito-Santo) que lhe confere a Alma Pensante, a estrutura que permite ao homem o conhecimento de sua origem e o desejo por retornar à ela. Assim, o Doador de Formas possui a determinação de capacitar o homem a se alinhar em direção à mesma busca presente em todas as esferas acima dele. Tal determinação o capacita a realizar de forma adequada o ato criativo que emana do Absoluto. Nesse sentido, o pensamento do homem passa a ser o mesmo das esferas localizadas acima dele, pois o desejo do retorno expressa-se igualmente nestes níveis. Como já foi dito, o Doador de Formas origina-se da Décima Esfera. As esferas celestes são perpétuas, pois a causa que as originou também o é. Porém, elas apresentam um começo dentro do tempo, que foi determinado pelo próprio Causador. Assim, tudo o que vem à existência apresenta um começo dentro do tempo. E é o Doador de Formas o responsável, não pela determinação, mas sim pela concretização dessa determinação.

Suhrawardi refere-se aos três universos, como o Mundo das Inteligências (*Angeli intellectuales*) ou o mundo de Jabarüt; o Mundo das Almas (*Angeli celestis*) ou o mundo de Malaküt e o Mundo de Molk (*'alam al-shahāda*) ou o mundo dos fenômenos sensíveis, domínio dos corpos materiais. É no Mundo de Molk que vamos encontrar a manifestação da vida como a conhecemos, os reinos naturais e a Matéria. A Matéria é a substância que reveste a forma dos quatro Elementos: Fogo, Água, Ar e Terra. Os Elementos parecem se referir aqui, aos estados que a Matéria pode apresentar. Surahvardi afirma que “o Fogo está à uma distância extrema do centro (ou

seja, da Terra) enquanto que a Terra está a uma distância extrema da periferia (ou seja, da Esfera das Esferas)”. É da mistura destes quatro elementos que surgem os três reinos: mineral, vegetal e animal, em graus crescentes de complexidade e perfeição. O vegetal supera o mineral devido às suas capacidades que se relacionam basicamente com a nutrição e a reprodução. E o animal supera o vegetal no que se refere a faculdade de percepção. Existem cinco sentidos externos e cinco internos. Os externos relacionam-se com os cinco sentidos básicos e os internos, no homem, serão abordados adiante.

Da mesma maneira que nosso corpo, as Esferas Celestes possuem cada uma, uma Alma (anima celeste) Pensante. Eternamente amorosa e nostálgica da Inteligência da qual emana, esta Alma confere aos céus, ou corpos, um movimento circular, “dentro do êxtase do amor e dentro de deleites que se seguem uns aos outros”. Tal êxtase é o mesmo encontrado entre os buscadores espirituais e é o que os impele em sua jornada mística. Suhrawardi afirma que para cada Alma existe um céu e é por causa do movimento destes céus que o Bem continua a existir no universo. O Bem aqui não deve ser entendido como o oposto do mal, mas como a emanção básica do próprio Criador que confere aos seres a possibilidade do Retorno. Não relaciona-se portanto, em absoluto, com qualquer interpretação pessoal dos eventos ou necessidades egóicas.

A Alma do ser humano pode sobreviver à morte apenas se o homem em questão, alcançou os estados (níveis de ser) necessários que o capacitam a reconhecer as realidades espirituais, e então vir a conhecer a Deus e seus Anjos. Implica também que esta Alma esteja marcada por este conhecimento, ou seja, revestida da perfeição que é o limite e objetivo de seu desenvolvimento. Neste caso, a alma “experimenta doçuras que nenhum olho jamais viu, que nenhuma orelha ouviu, que ainda não se mostraram ao coração de nenhum homem”. Ao contrário, se a Alma não atingiu estes estados de ser, ela permanecerá ignorante das realidades espirituais eternas. Aquilo que, durante a vida, manteve-a separada da busca por conhecer a Deus, se fortalecerá depois da morte, mantendo-a ainda mais cega para estas realidades. A cobiça e os apegos permanecerão; serão a fonte do sofrimento e atuarão como véus que a separam do Criador. Suhrawardi cita o Corão para ilustrar esse trecho: “Aquilo que eles adquiriram se apossou de seus corações”.

Suhrawardi escreve que a existência dos Profetas se deve a Vontade Divina, e que estes estão sempre em conformidade com a solicitação da realidade, as necessidades deste mundo fenomênico. Mas, sua função principal é recordar à humanidade a existência do “outro mundo”, a verdadeira realidade que se revelará ao homem quando a sua existência chegar ao fim, recordar ao homem das suas potencialidades, que não necessariamente existem somente depois desta vida, e do propósito do Ser Humano frente ao Criador, que esquecemos e negligenciamos no nosso apego a este “mundo”. E com esta finalidade eles estabelecem regras e limites, alertando para as responsabilidades e implicações de nossas posturas frente à estas duas dimensões, tentando conduzir a humanidade a um grau maior de consciência. Para tal, recebem o conhecimento, o poder e todas suas virtudes do Espírito Santo, a Alma Pensante com a qual estão em comunhão, e por isso têm influência sobre este mundo e são superiores a seus contemporâneos. Este nível e qualidade de Ser desenvolvidos são o mesmo dos Amigos de Deus, submissos e amantes somente de Sua Vontade; mas os Profetas têm um grau a mais pois que “foram comissionados para reformar os modos e para transmitir a mensagem”, como conclui Suhrawardi .

Em sua jornada em direção ao retorno, os verdadeiros místicos exercitam-se com a intenção de libertar-se do domínio restritivo da natureza imperfeita do ser humano e para tornarem-se aptos a acessar as realidades espirituais. Elevam-se em direção à estados que os colocam em conformidade com as realidades sutis que buscam perceber e compreender. Com isso, eles se tornam aptos a receber as Luzes espirituais. Tais Luzes possuem uma verdadeira afinidade com os estados de ser alcançados por estes homens e passam a ter, na Alma destes buscadores, uma morada permanente, onde podem se fixar e se expressar. Esta morada ou templo, na qual a alma se transforma, recebe o nome de Sakina. A estes místicos é concedido então o privilégio de contemplar as maravilhas das realidades espirituais e extrair profundo conhecimento através da união com elas. Suhrawardi refere-se a estes místicos da seguinte forma: “Bem-aventurados aqueles que fizeram com que suas Almas alcançassem este grau, que é a doçura dentro deste mundo efêmero e que será sua alegria no mundo eterno”.